

Malan prevê dívida em 46% do PIB em 2010

*Para ministro,
resultado viria com
superávits primários
de até 4% ao ano*

VÂNIA CRISTINO

BRASÍLIA – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, garantiu ontem que a trajetória da dívida pública brasileira é declinante, se for preservada a geração de superávits primários e crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) entre 3,5% e 4% ao ano. Segundo Malan, as projeções feitas pelo governo indicam que a relação dívida/PIB pode, nessas condições, cair para 46% em 2010. Atualmente a dívida está em R\$ 684,6 bilhões e representa 54,5% do PIB.

Malan participou, ontem, juntamente com o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier e o diretor de Normas do Banco Central, Sérgio Darcy, de audiência pública na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado Federal. O convite para o comparecimento do ministro foi para atender o requerimento dos senadores Eduardo Suplicy (PT-SP) e Romero Jucá (PSDB-RR), que queriam explicações sobre a marcação a

mercado dos títulos públicos e sobre o risco Brasil.

O ministro também prometeu analisar com cuidado a sugestão do senador Jefferson Peres (PDT-AM) de que se poderia pensar numa ajuda mútua entre os Países para enfrentar situações de turbulência. “Talvez o México, o Chile e o Brasil poderiam ter algo semelhante aos tigres asiáticos”, argumentou o senador. Malan disse que a idéia de um mecanismo de “swap” (troca) entre os bancos centrais de determinados países já existe, mas não foi levada adiante por inúmeras dificuldades, entre elas a necessidade de reservas internacionais líquidas.

MINISTRO
CRITICA OS
‘PALPITES
INDEVIDOS’

Mais uma vez, o ministro reconheceu que a dívida pública brasileira é elevada, mas ponderou que 60% do seu aumento se deve à renegociação com Estados e municípios e ao saneamento dos bancos estaduais.

“É um absurdo sermos penalizados pela transparência”, disse. De acordo com o ministro outra parte expressiva da dívida é composta pelo reconhecimento dos chamados “esqueletos”, ou seja dívidas que já existiam, mas não eram computadas pelos governos anteriores.

“Tomamos a decisão correta”, disse Malan referindo-se

ao reconhecimento dessas dívidas. O ministro assegurou para os senadores que a percepção do risco do País seria muito pior se o governo não tivesse adotado essa política. Para o ministro parte da instabilidade vem da percepção do muito que ainda há a fazer na economia brasileira.

No depoimento aos senadores, Malan também fez referência ao contexto internacional adverso, agravado, segundo ele, por dúvidas e incertezas com relação à economia norte-americana e o Japão. O ministro também lamentou os “palpites indevidos” do investidor George Soros e do secretário do Tesouro Americano, Paul O’Neil e criticou a percepção “equivocada” das agências de risco internacionais de risco. “Só quem não conhece o Brasil pode nos comparar com a Nigéria”, argumentou.

CORREÇÃO

O presidente do BC, Armínio Fraga, disse, na gravação do programa *Roda Viva*, que o fator político é a principal fonte de turbulência do mercado, acrescentando que esse não é o único problema do País. Ele afirmou, no entanto, que os outros problemas não são “novos”, e não “nossos”, como publicado ontem no **Estado**.